

RENATA ALICE NUNES DE OLIVEIRA

**QUANDO UMA VOZ SE CALA: UM RADIODOCUMENTÁRIO SOBRE  
A TRAJETÓRIA DE VIDA E TRABALHO DO COMUNICADOR  
POPULAR DIRAN SILVA**

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da



RENATA ALICE NUNES DE OLIVEIRA

**QUANDO UMA VOZ SE CALA: UM RADIODOCUMENTÁRIO SOBRE A  
TRAJETÓRIA DE VIDA E TRABALHO DO COMUNICADOR POPULAR  
DIRAN SILVA**

Projeto experimental apresentado ao Curso de  
Comunicação Social - Jornalismo da Universidade  
Federal de Viçosa, como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Kátia de Lourdes Fraga

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV  
2022



Universidade Federal de Viçosa  
Departamento de Comunicação Social  
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

Projeto experimental intitulado *Quando Uma Voz se Cala*, de autoria da estudante Renata Alice Nunes de Oliveira, pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dra. Kátia de Lourdes Fraga – Orientador  
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Prof. Me. Jonathan Fagundes da Silva  
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Francisco de Assis Souza Castro  
Jornal Folha da Mata - Viçosa

Viçosa, 16 de dezembro de 2022

## AGRADECIMENTOS

Esperei tanto por esse momento! E para ser sincera, agora que chegou a minha vez eu mal sei por onde começar. Foram quase 5 anos de muitas histórias, experiências, aprendizados, amizades, crescimento pessoal e muitas... muitas idas e vindas. A lista de agradecimentos é longa e provavelmente vou acabar me esquecendo de alguém. Mas cada pessoa que cruzou meu caminho nesses quase 5 anos deixou um pouquinho de si comigo.

Não poderia começar agradecendo a outro que não fosse Ele. A Deus, antes de tudo, entrego toda a minha gratidão. Por não me desamparar e sempre ouvir as minhas preces, nos bons e maus momentos. Agradeço à Universidade Federal de Viçosa pela incrível experiência que tive com o ensino superior público, gratuito e de qualidade e por ter sido literalmente o meu lar em todos esses anos. Às políticas de assistência estudantil que me possibilitaram permanecer por aqui desde 2018 e nunca me deixaram faltar nada. Sem elas, minha permanência não seria possível.

Aos meus pais, José Nilson e Maria (Lia), pela base que me deram e por sempre estarem comigo, independente da distância. Por nunca pouparem esforços para que eu estivesse onde estou hoje. Por me permitirem ser a primeira da família a ingressar e se formar em uma universidade pública. Darei muito orgulho ainda a vocês! Aos meus irmãos, Marcos Vinícios e Heloisa, que de certa forma viveram essa graduação comigo a cada dia e sempre contribuíram da maneira que podiam para que eu conseguisse pegar meu sonhado diploma. E esse diploma é nosso!

Aos meus tios, “Nenzinho”, Jacinta, José Nunes e Marizete, minha madrinha “Ninha” e às minhas primas Layana e Lorena, por todo o apoio e suporte que me deram em toda a minha vida. Vocês, juntamente com meus pais e irmãos, são a minha base e significam tudo para mim.

Aos meus amigos de Frei Inocêncio, em especial, Matthaus e Vanessa, por em momento algum em todos esses anos soltarem a minha mão, sempre se fazendo presentes mesmo à distância, me apoiando e me incentivando. Vocês são os maiores exemplos de parceria e lealdade que eu tenho na vida.

Aos meus professores e mestres, em especial a Vanda, professora do 4º ano do ensino fundamental. Nunca me esqueci do quão importante você foi na minha trajetória escolar. Desde sempre, me incentivou e acreditou em mim. Aos meus professores da faculdade, em especial, minha querida orientadora e mentora, Kátia Fraga. Assim como Vanda, marcou minha trajetória como alguém que sempre acreditou e confiou em mim, mesmo quando nem

eu mesma acreditava. Me acolheu como uma mãe, me ensinou muito do que sabe e me proporcionou minhas primeiras oportunidades profissionais dentro da universidade. Me apresentou à extensão universitária, ao radiojornalismo e à comunicação popular, áreas pelas quais me apaixonei. Foi junto ao nosso querido “Alô comunidade” que vivi minhas primeiras grandes experiências extensionistas, que me agregaram muito como estudante e como ser humano. Sou muito grata por tudo o que fez por mim, e a levarei para sempre em meu coração. A todos os técnicos do departamento de Comunicação Social - Jornalismo da UFV, por todo o cuidado, ensinamentos e amizade.

Ao Coral da UFV, minha maior paixão em todos esses anos. Ao maestro Ciro e todos os coralistas que passaram e deixaram um pouco de si em mim. Por cada aprendizado, cada palavra cantada nos ensaios ou frente ao público. Por ser meu abrigo e refúgio quando a rotina estava cansativa demais. Por me proporcionar experiências únicas, conhecer lugares novos e pessoas novas. Por cada amigo que lá eu fiz, o meu mais sincero e profundo: Muito obrigada! Vou sentir saudades demais das cantorias no RU.

A todos das equipes dos meus amados projetos de extensão: Cinecom e Alô, Comunidade! A maior parte da bagagem que levo daqui hoje, devo ao que pude partilhar com vocês. Cada troca de experiência, cada produto novo lançado, cada reunião, cada interação entre o grupo, contribuíram para que eu soubesse o pouco que sei hoje. Mais do que projetos, são espaços de aprendizado e crescimento mútuo.

Às minhas meninas do 512/623, por dividirem o quarto e parte da vida comigo nesses anos. Em cada cantinho que passamos, ficou registrada um pouco da nossa história. Eu amo vocês! Aos tios do MU, que sempre nos serviu lanchinhos e muito amor ao final de cada dia.

Agradeço também aos maiores presentes que a UFV poderia ter me proporcionado: Maria Fernanda, Abraão, Felipe, Vitória e Pão. Vocês foram os que vieram e permaneceram desde o início. Minha história aqui não teria graça se não existisse vocês. Obrigada por cada momentinho que passamos juntos, desde os melhores aos mais difíceis. Vocês foram minha família e meu maior apoio em Viçosa. Amo vocês infinitamente e para sempre.

Por fim, deixo meus agradecimentos ao professor Jonathan Fagundes pelas dicas com o meu trabalho quando eu não sabia exatamente o que fazer. Por ser tão solícito e sensível, e, principalmente, por aceitar o convite para compor a minha banca de TCC. Ao jornalista Francisco de Assis (Jeremias), por também ter aceitado o meu convite quase em cima da hora. E mais uma vez, à minha orientadora Kátia Fraga, pelos ensinamentos e parceria. E principalmente, por encerrar esse ciclo junto comigo.

## **RESUMO**

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo apresentar o projeto experimental “Quando Uma Voz se Cala: Um Radiodocumentário Sobre a Trajetória de Vida e Trabalho do Comunicador Popular Diran Silva”. O intuito é reunir por meio de relatos de familiares, amigos, professores e comunidade local, narrativas que demonstrem a importância do trabalho desempenhado por Diran durante os anos em que atuou como comunicador no município de Frei Inocência e região. Além disso, também é um dos principais interesses, explicitar a influência da comunicação popular em contextos menos privilegiados pelas grandes mídias, destacando a falta que faz a atuação do comunicador popular nesse cenário.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Jornalismo; comunicação popular; radiodocumentário

## **ABSTRACT**

This course conclusion paper aims to present the experimental project “Quando Uma Voz se Cala: Um Radiodocumentário Sobre a Trajetória de Vida e Trabalho do Comunicador Popular Diran Silva”. The goal is to gather, through family, friends, teachers and local community stories, narratives that demonstrate the importance of the work done by Diran, during the years he was a popular communicator in Frei Inocência city and region. Furthermore, making explicit the importance of a popular communication in contexts with less privilege by the big media is between the objectives too, highlighting the necessity of a popular communicator in this scene.

## **KEY-WORDS**

Journalism; Popular communication; radio documentary.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>10</b>
1.1 A Comunicação Popular	10
1.2 As violências da profissão	12
1.3 O radiodocumentário	14
<b>CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>15</b>
2.1 Pré-produção	15
2.2 Produção	17
2.3 Pós Produção	24
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>27</b>

## INTRODUÇÃO

Existem pessoas que passam pela nossa vida e, mesmo que inconscientemente, nos marcam, nos afetam e nos inspiram, plantando em nós a semente da transformação. Na comunicação, Diran de Jesus Silva foi uma dessas pessoas, um comunicador popular que me inspirou e a quem dedico este trabalho.

Atuante em Frei Inocência, uma cidadezinha de pouco mais de 10 mil habitantes no leste mineiro, e com o objetivo de fazer ressoar a voz da sua comunidade, Diran Silva foi o criador da *Revista Vitrine*, do portal de notícias *Ocorrências 190*, foi locutor esporádico de anúncios na rádio da cidade, mestre de cerimônia em grande parte dos eventos, criador das mais criativas propagandas para o comércio local, fundador do projeto *Cinema na Praça* para crianças de Frei Inocência e repórter policial como o mesmo se intitulava. Com sua pequena câmera portátil e um microfone em mãos, estava sempre pronto para cobrir qualquer acontecimento na região e atender aos chamados e demandas da comunidade, marcando toda uma geração da população Frei Inocenciana.

Para Peruzzo (2016), a comunicação faz parte do processo de transformação da sociedade, sendo construída a partir das diferentes realidades entre os grupos, organizações e pessoas, dentro de um determinado contexto e espaço temporal. Se tratando da construção de uma comunicação popular, o comunicador tem como base:

A comunicação popular, comunitária e alternativa tem um potencial ímpar de ajudar nesse processo, mais precisamente na efetivação dos objetivos, metas e estratégias das organizações de base popular, sindical, associativa e dos movimentos sociais. Tal potencialidade ocorre, em primeiro lugar, porque ela é protagonizada por esses atores como algo deles mesmos, feito por eles e para eles e/ou por aliados organicamente ligados a seus propósitos. Portanto, é capaz de refletir suas próprias necessidades, anseios e visão de mundo. (PERUZZO, 2016, p.5)

Além do trabalho como repórter que desenvolvia de forma amadora, ele também era conhecido pelas diversas ações sociais que realizava na comunidade. Seu trabalho era reconhecido dentro e fora de Frei Inocência, por promover campanhas de arrecadação de alimentos e roupas para a Casa de Apoio ao Idoso e Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE; pela tradicional campanha do agasalho que era realizada todos os anos no período de inverno; pela arrecadação de brinquedos e alimentos para famílias e crianças carentes em datas comemorativas como o dia das crianças e natal; pela mobilização do

passeio ciclístico de Frei Inocência, realizado todos os anos na data de 7 de setembro, entre outros serviços que sempre prestou à comunidade desempenhando a função de porta-voz.

De origem humilde, Diran nunca sequer conheceu sua mãe biológica. Sua identidade é desconhecida, assim como a de seu pai. Por não ter condições de criá-lo, a genitora o entregou para adoção à uma moradora do município de Frei Inocência, sendo a única referência familiar que Diran conheceu durante toda a sua vida. Criado em uma região periférica da cidade, exposto à criminalidade e pobreza, o menino chegou a passar fome. Em relatos prestados por seus vizinhos e amigos na época, os quais serão mencionados nos próximos capítulos, a mãe do jovem enfrentava o vício em álcool e drogas, não permitindo que ela cuidasse do filho como deveria. Apesar de viver em extrema pobreza e vulnerabilidade durante toda a sua infância e adolescência, Diran nunca se rendeu à vida “fácil” que a criminalidade poderia proporcionar a ele. Muito pelo contrário, sempre lutou para que sua mãe abandonasse o vício, e, realizava pequenos trabalhos informais pela região para conseguir pagar as contas e alimentar os dois.

Em 2014, após iniciar sua sonhada graduação em jornalismo em uma instituição privada, a “Universidade do Vale do Rio Doce (UNIVALE)” situada em Governador Valadares, Diran tornou-se uma das vítimas do desemprego no país. O trabalho autônomo e informal que desempenhava não era suficiente para custear todas as despesas que a faculdade exigia, além das contas de casa e a pensão da filha que ele havia acabado de conhecer. Sua apertada situação financeira dificultou sua permanência no curso e o fez trancar a matrícula por tempo indeterminado, planejando retornar no futuro. Na ocasião, ele chegou a contar com o auxílio financeiro da Polícia Militar e comerciantes de Frei Inocência, que se mobilizaram e organizaram uma *vakinha*<sup>1</sup> para ajudar no custeio das despesas da faculdade. No entanto, o comunicador optou por paralisar as atividades acadêmicas até que pudesse conseguir um emprego e se estabilizar novamente.

Com a ajuda de alguns amigos do Batalhão da Polícia Militar de Frei Inocência, Diran conseguiu um emprego como frentista em um posto de gasolina localizado no distrito de Chonin de Baixo, região próxima a Frei Inocência. A oportunidade deveria ser motivo de celebração, mas não houve tempo. Poucos dias após iniciar as atividades no novo emprego, Diran foi assassinado em seu local de trabalho durante um assalto ao qual ele nem sequer reagiu. As imagens do circuito de segurança mostram o momento em que Diran teria

---

<sup>1</sup> Termo utilizado informalmente para definir a ação de arrecadação de dinheiro, em conjunto com outras pessoas, para uma finalidade específica.

reconhecido um dos assaltantes que também era morador de Frei Inocência. Por ser muito próximo da Polícia Militar local, Diran foi assassinado com três tiros à queima roupa, como queima de arquivo, de maneira cruel e sem qualquer chance de defesa. Naquele momento, a voz de Frei Inocência se calou, deixando para trás apenas os registros de todo o seu trabalho em benefício da comunidade que tão bem o acolheu durante toda a sua vida. Também naquele dia, uma voz circulou pela cidade anunciando a tradicional “nota de falecimento” em um carro de som, tarefa que geralmente era realizada por ele. Mas dessa vez, a voz não era a mesma que a comunidade já estava habituada a ouvir. A partir dali, a voz de Diran Silva não voltaria a ecoar por todos os cantos como de costume. O anúncio fúnebre se tratava do falecimento do porta-voz de Frei Inocência.

Em memória de Diran Silva e de outros tantos comunicadores populares que atuaram como agentes de transformação social em suas comunidades e que inspiraram outras pessoas a seguirem o trabalho com a comunicação popular, assim como inspiraram-me, eu dedico o meu trabalho de conclusão de curso.

## **CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1.1 A Comunicação Popular**

A comunicação é responsável por criar e fortalecer elos entre indivíduos a partir das interações e relações cultivadas ao longo do tempo na sociedade. Não existem padrões preestabelecidos para se iniciar e promover interações, para que os indivíduos expressem seus pensamentos, opiniões, inquietações ou simplesmente encontrem um meio de produzir e transmitir informações em um determinado contexto. Para Bordenave (2017), a comunicação e a sociedade são indissociáveis. Não se faz comunicação sem a participação da sociedade, nem vice-versa. As duas coexistem juntas.

Neste sentido, emerge a comunicação popular como uma vertente do fazer comunicacional em espaços de interação onde os interlocutores são capazes de se mobilizar para pautar assuntos de interesse coletivo e participativo. É o que endossa Peruzzo (2006):

A comunicação popular representa uma forma alternativa de comunicação e tem sua origem nos movimentos populares dos anos de 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina como um todo. Ela não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares. Essa ação tem caráter mobilizador coletivo na figura dos movimentos e organizações

populares, que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação. (PERUZZO, 2006, p.2)

Ainda para Peruzzo (2006), a comunicação popular também pode ser denominada como “alternativa, participativa, horizontal, comunitária e dialógica, dependendo do lugar social e do tipo de prática em questão”. Diran Silva, era de fato um comunicador popular, pois as ações desenvolvidas por ele em sua comunidade coadunam com os princípios descritos em Peruzzo (2006). Ele não se preocupava com o retorno financeiro que a prática jornalística poderia trazer a ele. Seu objetivo era servir à sua comunidade, produzindo informação e levando onde elas não chegavam. Suas campanhas tinham proporções que saíam das fronteiras do município e alcançavam pessoas em outros contextos. Ele se contentava em não receber um centavo sequer por isso, desde que estivesse ajudando o seu povo.

O movimento dos comunicadores populares informais também cresceu expressivamente como meio de comunicação alternativa, principalmente em contextos periféricos, rurais e outras regiões menos favorecidas e notadas pelos grandes veículos midiáticos; e, sendo contemplados ainda pela expansão e acessibilidade dos meios tecnológicos e democráticos de comunicação, liderando contextos à margem da sociedade. Segundo Peruzzo (2007), os movimentos populares:

São manifestações e organizações constituídas com objetivos explícitos de promover a conscientização, a organização e a ação de segmentos das classes subalternas visando satisfazer seus interesses e necessidades, como os de melhorar o nível de vida, através do acesso às condições de produção e de consumo de bens de uso coletivo e individual; promover o desenvolvimento educativo-cultural da pessoa; contribuir para a preservação ou recuperação do meio ambiente; assegurar a garantia de poder exercitar os direitos de participação política na sociedade e assim por diante. Em última instância, pretendem ampliar a conquista de direitos de cidadania, não somente para pessoas individualmente, mas para o conjunto de segmentos excluídos da população. (PERUZZO, 2007, p. 2)

Pensando nisso e no impacto do trabalho popular dentro dessas comunidades menos privilegiadas, apresento por meio deste trabalho, a trajetória de vida, ofício e influência de Diran Silva, comunicador popular que atuou no município de Frei Inocência e região até o ano de 2015, quando foi assassinado em seu local de trabalho. Em vida, ele foi o porta-voz da cidade, levando informação por todos os cantos e manifestando a comunicação popular, sendo que a comunicação nesses contextos: “Desmistifica os meios. Promove a criação coletiva. Difunde conteúdos diretamente relacionados à vida local” (PERUZZO, 1999:302).

Ao dizer que ele era um comunicador popular, a afirmação se justifica pelos diversos canais que ele utilizava para promover a comunicação. Além da divulgação de notícias pelas redes sociais como o *Facebook* e *Youtube*, Diran também produzia sua própria revista e jornal impresso, registrando eventos da cidade, matérias especiais e agenda cultural, tudo sem fins lucrativos. Ele contava com patrocínio apenas para a impressão do material. Também realizava trabalhos em locução nas calçadas das lojas; gravava propagandas para o comércio local, que eram veiculados por meio de carros de som e na rádio da cidade. Realizava parcerias para campanhas para arrecadar doações para famílias e crianças carentes e asilos. Exibia filmes gratuitamente em praça pública para a juventude local e participava de ações do Programa Nacional de Resistência às Drogas - Proerd, juntamente com a Polícia Militar, pois tinha a preocupação de entreter esses jovens com atividades lúdicas, recreativas e educativas, para que não se rendessem à criminalidade.

Nessa perspectiva, reforça-se a ideia de que a comunicação também é uma importante ferramenta para incentivo ao exercício da cidadania, atrelada aos valores educacionais. Tais ações, fortalecem a necessidade da integração entre os princípios da cidadania, educação e as atividades interdisciplinares a partir do ponto colocado por Peruzzo (2000) que “apesar de a escola ser um espaço privilegiado para tal fim, a preparação para exercício da cidadania não se aprende só nas carteiras da sala de aula.”

Por desenvolver atividades destinadas a todo o tipo de público, entre todas as idades, Diran Silva era muito popular e tinha o respeito e admiração de todas as classes que ele representava por meio do seu trabalho.

## **1.2 As violências da profissão**

A atividade jornalística é uma importante ferramenta informacional para a promoção da democracia, pois permite o esclarecimento de fatos e acontecimentos de interesse público (RIOS & BRONOSKY, 2019). Para Meditsch (1997) “O jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz; reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais”.

Assim sendo, é possível dizer que a atividade jornalística faz parte de um processo colaborativo fomentado por interações dentro do espaço social. Essa atividade permite que as informações sejam transmitidas de um emissor para o receptor, de maneira mais clara e objetiva, podendo ser interpretadas para o contexto em que o sujeito se apresenta.

Embora de um lado exista o direito de acesso à informação e a necessidade da prática jornalística para a manutenção da sociedade, do outro, reforça-se uma pressão sobre o fazer jornalístico que vai contra os princípios da democracia e da liberdade de expressão.

Ressalta-se que o cumprimento do direito à informação por meio da oferta noticiosa coloca em relação jornalismo e sociedade, apresentando ainda relevância no que se refere à organização da experiência humana. Sendo assim, qualquer forma de violência contra o jornalista e conseqüentemente, contra a prática do jornalismo e à elaboração da notícia, também se configura como uma forma de ataque ao exercício do direito à informação pelos cidadãos. (RIOS & BRONOSKY, 2019, p.50)

Ainda para Rios e Bronosky (2019), a atividade jornalística não só contribui para a construção democrática, como também influencia no modo como as pessoas percebem o mundo em sua volta, se organizam socialmente e estabelecem suas relações.

É por meio da informação organizada sob a forma de notícia que as pessoas conseguem apreender o mundo que as cerca (fora de seu horizonte tangível, é claro), compreender as relações que se estabelecem em sociedade e embasar as próprias decisões. (RIOS & BRONOSKY, 2019, p.51)

O fato de o jornalismo propiciar a circulação de informações sem que se haja um filtro sobre suas origens ou impactos na sociedade, os conflitos de interesses começam a surgir no contexto informacional.

Devido ao estreito vínculo que possuía com a polícia de Frei Inocência, e, com o alto fluxo de informações que disparava em suas redes sociais diariamente, compartilhando informações sobre os crimes que ocorriam na região, Diran Silva sofria constantemente ameaças por parte das pessoas envolvidas nas matérias que ele publicava, assim como de outras pessoas que se sentiam afetadas de alguma forma pelas informações que ele tornava públicas. Considerando tais informações, pode-se dizer que Diran sofria diretamente com as violências que a profissão acarretava, uma vez que sempre tentavam silenciá-lo ou oprimi-lo por meio dessas ameaças. Entre os vários conceitos e definições que a palavra violência carrega, Michaud (1989) defende como:

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a várias pessoas em graus variáveis, seja na sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (MICHAUD, 1989, p. 10-11).

De acordo com dados divulgados pelo Relatório de Violência Contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) em 2015, ano do falecimento de Diran Silva, a região sudeste do país registrou 59 casos de violência contra jornalistas em todo o ano, sendo o estado de Minas Gerais responsável por 9,23% do percentual total de casos. Os dados mostram ainda que 16,79% dos casos de violência registrados em todo o território nacional, correspondiam a comunicadores e jornalistas que atuavam em mídias digitais (portais, sites e blogs).

Embora não tenha entrado oficialmente para as estatísticas citadas no relatório, pode-se afirmar que Diran foi sim uma vítima da violência contra a liberdade de expressão exercida por jornalistas, já que seu assassinato foi uma consequência das inúmeras ameaças que ele recebia por ser tão próximo à PM e por divulgar todas as informações sobre o que acontecia na região.

Segundo dados atualizados e divulgados pela FENAJ<sup>2</sup> no ano de 2020, com a ascensão do governo do Presidente Jair Messias Bolsonaro, candidato do Partido Liberal (PL) e eleito no ano de 2018, os casos de ataques à liberdade de imprensa e violências contra jornalistas cresceram significativamente, tendo sua maior porcentagem registrada em 2020, ano que se iniciou a pandemia do novo coronavírus no Brasil. Na ocasião, o jornalismo se tornou uma atividade essencial para manter toda a população informada sobre os avanços e desdobramentos da doença. Os dados publicados no Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil – 2020, mostram não só a expansão dos casos de violência, como também o maior índice registrado desde o início da década de 1990. Foram registrados 420 casos, incluindo agressões e assassinatos, chegando a um aumento de 105,77% em relação ao ano anterior. As informações apontam para a influência do presidente Jair Bolsonaro como principal responsável pela propagação de discursos de ódio e ataques à imprensa brasileira.

O presidente Jair Bolsonaro foi o principal autor de ataques a veículos de comunicação e jornalistas, em 2020, repetindo a mesma posição ocupada no ano anterior, quando assumiu a Presidência da República. Ele foi o responsável por 175 ocorrências (40,89% do total), a maioria delas tentativas de descredibilização da imprensa (145), mas também por 27 casos de agressões diretas aos profissionais (26 agressões verbais e uma ameaças), além de uma ameaça à TV Globo e dois ataques à Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). (FENAJ, 2021, p.12)

---

<sup>2</sup> A temática foi discutida por diversos portais midiáticos no ano de 2020, considerando o levantamento de informações publicado pelo site oficial da Federação Nacional dos Jornalistas, disponível em: [Violência contra jornalistas cresce 105,77% em 2020, com Jair Bolsonaro liderando ataques - FENAJ](#)



Fazendo um comparativo de como a influência do bolsonarismo afetou os meios de comunicação e profissionais da informação em todo o país nos anos de governo Bolsonaro, no último relatório divulgado pela FENAJ<sup>3</sup>, em janeiro de 2022, os dados mostram que os casos de violências contra jornalistas ultrapassaram o recorde registrado em 2021, atingindo a marca de 430 notificações em todo o ano.

### 1.3 O radiodocumentário

Não apenas o radiodocumentário, mas toda peça de áudio requer uma série de elementos que compõem a paisagem sonora. No rádio, a trilha sonora serve para mexer com as emoções do ouvinte e provocar sensações que o tragam para dentro da narrativa. A maneira como o narrador conduz a locução e entonação da voz, sugere a mensagem a qual ele quer transmitir. As músicas que são utilizadas como plano de fundo, também sugerem essas emoções. Com isso:

[...] é possível afirmar que a natureza da radiofonia se define através dos efeitos produzidos por toda e qualquer vibração que atinge o órgão da audição, isto é, por tudo aquilo que impressiona o ouvido. Daí, também ser possível indicar a oralidade e a sonoridade como os dois fatores constituintes das peças radiofônicas e das peças comunicacionais em audiovisual. (JOSÉ & SERGL, 2007, p.189-190)

O formato permite flertar com diferentes técnicas, construções e aguçá imaginários. Embora seja bastante versátil, é “entendido como uma narrativa autoral de não-ficção, trata-se de um gênero radiofônico pouco conhecido no Brasil.” (SANTOS, 2016, p.7).

Ao explorar os recursos radiofônicos produzidos em áudio, atrelados à narrativa biográfica que é construída por uma grande variedade de vozes, trilhas, sons e outros elementos, o intuito é fazer com que o ouvinte se sinta de alguma forma conectado à história e ao personagem descrito. O radiodocumentário, assim como outros gêneros radiofônicos não comerciais, como os de teor artístico, teatral e musical, compõem a categoria de “rádio autoral”, que assim como o nome sugere, se trata de um conceito no qual os produtores possuem liberdade de criação. É o que diz Santos (2016):

Todas essas subdivisões, categorias, gêneros, estão contidos, se reúnem e se mesclam nesse grande grupo maior que podemos chamar de rádio autoral, que é resultado de uma série de operações criativas de autores no sentido da valorização de uma autêntica linguagem radiofônica na exploração dos recursos e potencialidades expressivas do meio sonoro oposta às rotinas de produção exercidas e reiteradas no âmbito da “rádio de fluxo” ou “rádio serviço”. (SANTOS, 2016)

---

<sup>3</sup> Dados atualizados do Relatório de Violência Contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil 2021, publicado pela FENAJ, apontam o crescimento dos casos de violência contra jornalistas, superando o recorde do ano anterior. Relatório disponível em: [FENAJ - Relatório 2021 \(Versão3\)](#)

Para construir uma narrativa de vida biográfica, é necessário contar com o relato de várias fontes, para que sejam apurados os detalhes e percepções acerca de um mesmo assunto ou pessoa. O roteiro necessita ser bem elaborado e estruturado, reunindo partes dos relatos que se alternam ao longo da peça, produzindo um efeito de proximidade com o ouvinte e o deixando mais atrativo. Para Ferraretto (2014), além da voz, que é a parte fundamental da composição radiofônica, pois é por meio dela que as narrativas são transmitidas e interpretadas pelo público, outros elementos são essenciais para que o ouvinte compreenda melhor a mensagem. O conjunto de trilhas, efeitos sonoros e a articulação vocal é o que dita como o ouvinte compreenderá a locução.

O rádio, para além do documentário, possui também um enorme potencial educativo, pois carrega consigo uma enorme bagagem cultural e democrática que vem se reinventando e sendo atualizada ao longo do tempo, contribuindo para o exercício da cidadania. O gênero jornalístico alcança as mais remotas regiões, onde por muitas vezes nem a internet consegue penetrar, levando conhecimento, cultura e entretenimento para todas as camadas sociais.

Com o trabalho proposto neste memorial, a ideia de trazer a narrativa para dentro de um radiodocumentário é proporcionar aos ouvintes uma experiência sensível, possibilitando a criação de imaginários e conexões com a história, além de permitir que essas narrativas penetrem em todos os lugares por meio do rádio.

## **CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **2.1 Pré-produção**

A ideia para a produção do radiodocumentário aqui apresentado, surgiu, inicialmente, de um desejo pessoal em pautar a relevância do trabalho de comunicadores populares em regiões onde os grandes veículos de comunicação não dão notoriedade em situações corriqueiras. Sendo assim, a primeira ideia consistia na produção de uma série de podcasts biográficos sobre comunicadores populares de diferentes regiões, pautando suas histórias de vida, o trabalho desenvolvido em suas comunidades e a importância desse trabalho para a valorização da cultura e autoestima do público local.

Tal ideia surgiu pela vontade que eu tinha de falar sobre a vida e trabalho de Diran Silva, que foi um dos incentivadores e grande inspiração para que eu decidisse ingressar no curso de Jornalismo, o qual também era um grande sonho dele. Meu objetivo era destacar a

relevância do trabalho do comunicador em suas comunidades, como prática que fortalece a cultura local e valoriza as relações cidadãs, além de destacar como a ausência dessa atividade afeta o cotidiano dessas comunidades. Naquele momento, eu já havia delimitado o meu primeiro personagem, a primeira história que eu contaria e até mesmo algumas possíveis fontes. Restava naquele momento, somente buscar por outras histórias similares que dialogassem com a minha proposta de trabalho.

Na primeira conversa com minha orientadora para a apresentação da ideia principal, alguns pontos foram discutidos e sendo moldados até que chegássemos à ideia final aqui apresentada. Ao falar sobre minha motivação e apresentar meu primeiro personagem, o qual definiria toda a angulação do trabalho, minha orientadora sugeriu que ao invés de produzir uma série de *podcasts* contando histórias de diferentes personagens, por que não falar somente sobre Diran Silva? Já que era notável minha admiração pela figura que ele representava e que provavelmente eu tinha muito o que falar sobre ele. Dito isto, um novo formato também foi sugerido: o *radiodocumentário*.

Minha trajetória acadêmica foi marcada pelo constante contato com a produção radiofônica, portanto, não haviam dúvidas para mim de que aquele gênero jornalístico seria o escolhido para o desenvolvimento do meu projeto experimental. Ao participar de projetos como o “Alô, Comunidade! A Voz da Cidadania e da Cultura Popular no Rádio” e o “Cinecom”, vinculados ao Departamento de Comunicação Social da UFV, tive a oportunidade de aprender e exercitar um pouco mais das habilidades em rádio, como a produção de entrevistas, roteiros, locução e edição.

A biografia também é um outro gênero que sempre me encheu os olhos, afinal, sempre gostei de contar histórias, e principalmente, ouvir histórias, de pessoas reais, com trajetórias reais e inspiradoras. Ao cursar a disciplina de Mídia e Narrativas de Vida, ofertada pelo Departamento de Comunicação Social da UFV, pude compreender um pouco mais sobre as diferentes formas de se contar histórias, principalmente por meio de biografias. O trabalho final da disciplina que envolvia produzir uma biografia em formato livre (texto, áudio, vídeo, pintura, fotografia...) foi o que me motivou a querer contar a história do meu personagem nesse formato, atrelados aos recursos de áudio, com os quais eu já possuía afinidade.

A ideia do radiodocumentário foi muito bem acatada por mim, justamente por poder unir o rádio e a biografia, dois gêneros que tanto me interessam e fazem parte da minha trajetória acadêmica. Assim sendo, estava delimitado o objeto final de desenvolvimento do

meu projeto: um radiodocumentário biográfico sobre a vida e trabalho de Diran Silva.

A partir da escolha final do meu objeto de trabalho, comecei a buscar por referências que contribuíssem com o desenvolvimento das atividades, além de iniciar o levantamento das fontes iniciais para a realização de entrevistas. Outra iniciativa, foi pesquisar pelo nome de Diran Silva no Google e reunir em um documento, todas as informações relevantes que eu encontrasse, contendo links de matérias, vídeos, imagens e outros artigos relacionados.

## **2.2 Produção**

Após mapear algumas possíveis fontes com as quais eu poderia conversar, dei início ao processo de produção ao final do mês de setembro, quando viajei de Viçosa para Frei Inocência. Ao todo, foram 9 entrevistas realizadas no município durante minha breve passagem por lá. Na ocasião, contei com a ajuda de meu pai, Nilson, para fazer contato com algumas dessas fontes que ele já conhecia pessoalmente; entre elas, meu primeiro entrevistado: Sargento Adilson Dias, membro da corporação da Polícia Militar de Frei Inocência.

Era dia 1 de outubro e nossa entrevista havia sido marcada no dia anterior por meio do Whatsapp. O horário acertado foi às 10 horas da manhã na delegacia da PM na cidade. Cheguei no batalhão alguns minutos antes do horário marcado e fui recebida diretamente pelo Sargento. Optamos por gravar a entrevista na porta da delegacia mesmo, já que a rua estava calma e no interior do local havia uma movimentação de pessoas, causando um certo barulho que poderia interferir na captação de áudio. Utilizando apenas meu aparelho celular para captar o áudio, e segurando um bloco de papel contendo o roteiro de perguntas, iniciei a gravação. Nossa conversa foi rápida e objetiva. Toda a gravação durou 7 minutos e 10 segundos. Na entrevista perguntei sobre a relação que Diran tinha com a PM de Frei Inocência, com a comunidade local e a relação pessoal entre os dois, já que eram amigos.

Ao finalizar a entrevista com o Sargento, saí em direção à uma farmácia no centro da cidade, onde trabalha a farmacêutica, Meirijane Leal. Chegando ao local, decidi perguntá-la se já havia dado aulas para Diran, já que a mesma também atua em uma das escolas da cidade como professora de biologia, escola essa onde Diran teria concluído seu ensino médio. Meirijane confirmou a informação, então perguntei a ela se aceitaria dar um breve relato sobre esse período. Ela de imediato aceitou. Novamente, utilizei meu celular para gravar a entrevista, improvisando algumas perguntas, já que a conversa com Meirijane não estava

prevista. Toda a entrevista durou apenas 4 minutos e 29 segundos, mas foi o suficiente para entender como Diran era visto pela turma e pelos professores na época, que apesar de não ser o melhor aluno da classe, era respeitado e mantinha uma boa relação com todos eles.

Finalizando a entrevista com Meirijane, saí da farmácia e já estava a caminho de casa, quando me lembrei de dona Jovenila Benevides, popularmente conhecida na região como “Dona Vena”. Me recordei que a senhora possuía uma relação amigável com Diran durante muitos anos, já que ele promoveu diversas campanhas beneficentes para ajudar as duas instituições que ela fundou na cidade: A Casa de Apoio ao Idoso e a APAE.

Chegando na casa de Dona Vena, fui recebida pela sua filha, Margareth, que me convidou para entrar e foi informar à mãe sobre a minha visita. Em alguns minutos Dona Vena surgiu na sala da casa apoiada em um andador e se acomodou em um sofá de frente para mim, onde pudemos conversar melhor. Ela foi muito solícita e apesar de não se lembrar de muitos detalhes da vida de Diran, me falou sobre o primeiro contato que teve com ele ainda menino, e como ele foi importante para as instituições que ela coordenava, além de toda a comunidade local. Nossa conversa se estendeu por longos minutos, onde ela compartilhou detalhes de seu trabalho ao longo de todos esses anos, mas a gravação da entrevista correu por 9 minutos e 21 segundos. Ao finalizarmos a gravação da entrevista, me despedi e voltei para casa.

No dia seguinte, (02/10), fui até a casa do electricista Gilson Teixeira, figura também bastante conhecida no município. Ele havia sido amigo próximo de Diran Silva e o conheceu ainda criança. Fui recebida por ele em sua casa, juntamente com meu pai que me acompanhou até lá, já que o único horário que Gilson tinha disponível era na parte da noite. Na entrevista de 10 minutos e 17 segundos, conversamos sobre a amizade que os dois construíram ao longo dos anos, a carreira de Diran na política e detalhes sobre o dia de seu assassinato, já que Gilson foi o responsável por resolver toda a parte burocrática do funeral. Ele também contribuiu com relatos que envolviam várias fases da vida de Diran, já que o conheceu desde pequeno. Ao final do bate papo, Gilson me recomendou que procurasse pelo Sargento Adélio Souza na delegacia da PM de Frei Inocência, pois o mesmo teria muito a contribuir.

Assim sendo, ao sair da casa de Gilson, meu pai e eu nos dirigimos novamente até à delegacia, por volta das 8 e meia da noite, onde me deparei com o Sargento Adélio e outros 4 policiais da corporação. Na ocasião, além de ouvir o relato de Adélio, acabei conversando também com o Sargento Itamar Araújo, que foi mais um dos amigos que Diran cultivou no

batalhão antes de seu falecimento. Assim como na entrevista com Adilson, os outros dois PMs expuseram lembranças sobre a estreita relação de amizade que todos ali mantinham com o comunicador, além de falar das diversas ações que ele promoveu em parceria com a Polícia Militar.

No dia 3 de outubro, meu último dia na cidade, retornei às ruas de Frei Inocêncio em busca de novas fontes. Havia muitas dúvidas sobre a vida de Diran Silva que eu ainda não tinha conseguido respostas. Sendo assim, fui até uma mercearia em um bairro próximo, cujo proprietário era Emerson Soares, antigo cliente e amigo pessoal do comunicador. Ao chegar no estabelecimento precisei aguardar alguns minutos até que Emerson atendesse a alguns clientes. Em seguida, o cumprimentei e notifiquei o motivo da minha visita. Sem hesitar, ele se dispôs a relatar o que lembrava da época em que ele e Diran trabalhavam juntos e mantinham uma amizade além do campo profissional. Em alguns momentos, ele chegou a se emocionar enquanto lembrava do amigo. Nossa conversa durou em gravação 22 minutos e 56 segundos, mas se estendeu em off com algumas informações complementares e histórias que ele se lembrou depois.

No mesmo dia, fui a outro estabelecimento comercial do município, o “Supermercado Juju”. Sob a direção de Juscelino Cota, ou “Juju” como é conhecido na comunidade, o supermercado carrega no título o apelido do proprietário. O motivo de eu ter procurado Juju naquela ocasião, foi a busca pela história da famosa propaganda do estabelecimento criada por Diran há alguns anos, que gerou até uma piada interna entre os moradores locais. A propaganda “Fala mais, Juju” surgiu em um contexto onde Juscelino havia pedido a Diran que criasse uma peça publicitária para a empresa. Assim como solicitado, ele criou o anúncio e convidou uma criança para fazer uma participação na locução. Eles só não esperavam que a curta frase dita pela criança faria tanto sucesso, virando um bordão do empresário.

Na entrevista com Juju, descobri que a propaganda é utilizada até hoje por ele em carros de som que circulam pelas ruas de Frei Inocêncio. Na ocasião, ele também relatou algumas experiências pessoais com Diran que os fizeram se tornar amigos. Juscelino foi um grande incentivador e ajudou o jornalista por diversas vezes quando ele mais precisou. Inclusive com moradia e alimentação, além de contribuir com a *vakinha* para custeio das mensalidades da faculdade.

Meu último entrevistado da viagem foi José Carlos Souza, que assim como a maioria das minhas outras fontes, é mais conhecido na cidade pelo seu apelido: “Borroló”. Ele é

locutor e promotor de eventos em Frei Inocência e região. Procurei por Borroló em sua residência, sem aviso prévio ou qualquer outro tipo de contato. Resolvi tentar a sorte. Muito simpático, ele me recebeu em sua casa e me convidou para entrar. Já era fim de tarde e um coro de cigarras cantava em seu quintal, o que acabou interferindo um pouco na qualidade da captação de áudio. Porém seguimos a entrevista.

Em um relato de 11 minutos e 29 segundos, o locutor falou sobre a experiência de ensinar um pouco do seu ofício a Diran Silva quando ele ainda era apenas um menino. As primeiras oportunidades de trabalho em comunicação que o jovem teve, foi por meio dos eventos que Borroló realizava. Inclusive o locutor foi o primeiro a entregar um microfone nas mãos de Diran para que ele mostrasse sua desenvoltura frente ao público. A partir dali, nascia um novo comunicador, apaixonado pela profissão.

Após os dois dias de entrevistas intensas na cidade, precisei retornar para Viçosa. Apesar de ter ficado bastante satisfeita com os relatos obtidos, algumas questões não esclarecidas sobre a vida do jornalista ainda me causavam inquietações. A primeira delas é o paradeiro de sua mãe. Nenhuma das 9 fontes entrevistadas soube dizer onde ela vive atualmente, nem mesmo sabem se ela ainda está viva. A ausência de um relato familiar deixou algumas lacunas quanto à infância de Diran Silva. A segunda inquietação foi a falta de informações mais profundas sobre sua curta trajetória acadêmica. Apesar de quase todos relatarem que Diran chegou a ingressar no curso de jornalismo, ninguém soube dizer exatamente em que ano ele começou os estudos, em qual instituição estudou, nem por quanto tempo permaneceu no curso. Foi com tais perguntas e inquietações que voltei de viagem, ansiosa para recomeçar as pesquisas. A partir dali, começava uma longa busca para que eu pudesse preencher os espaços vazios.

Por meio do recurso de pesquisa direta inserindo o nome de “Diran Silva” em meio a aspas, foram visitados mais de 16 sites com resultados encontrados na lupa, os quais apenas 6 correspondiam de fato ao personagem procurado.

A grande maioria dos sites onde o nome “Diran Silva” aparecia, se tratava de matérias ou vídeos referentes ao seu assassinato em 25 de março de 2015. No corpo das matérias, apareciam somente as informações mais relevantes sobre o ocorrido, como a data do assassinato, contexto e local em que ocorreu, motivação do crime e identidade dos criminosos, descartando o relato de testemunhas ou outras fontes complementares. Em

nenhum momento foram citadas suas origens, seus familiares, amigos ou quaisquer outras informações pessoais.

A busca por documentos que comprovassem informações como a data e local de nascimento, filiação e histórico escolar começou pelo contato com amigos próximos de Diran, que não souberam informar precisamente nenhuma dessas informações ou conseguiram indicar quem as respondessem, já que o familiar mais próximo do jovem seria sua mãe adotiva e a mesma já não era vista pela região há muitos anos, nem sequer deixou rastros de seu paradeiro, amigos que possuíssem algum tipo de contato ou outro familiar na cidade. É como se ela tivesse simplesmente desaparecido no espaço.

A segunda tentativa foi por meio do contato direto com Analcy Dias, diretora da Escola Estadual Frei Inocêncio, a única escola de ensino médio no município e onde Diran concluiu seus estudos em 2014 por meio do programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A princípio, o primeiro contato realizado via WhatsApp não obteve sucesso. Analcy visualizou as mensagens que solicitavam informações sobre Diran Silva, mas não as respondeu.

Já na terceira tentativa, fiz contato com Marcos Millard, diretor da Escola Estadual João Brasileiro Passos, onde Diran também teria frequentado o ensino fundamental. Mais uma vez, informei o motivo do meu contato e as informações que necessitava para a produção do meu trabalho, pedindo o acesso ao histórico escolar de Diran Silva. Na ocasião, o diretor se dispôs a contribuir e notificou que voltaria assim que descobrisse alguma informação relevante sobre o assunto. Caso contrário, o mesmo faria contato com o cartório da cidade para tentar buscar por documentos que respondessem às questões que passei a ele. No dia seguinte, assim como ele havia prometido, me enviou pelo WhatsApp duas imagens, contendo o histórico escolar do ensino fundamental e uma cópia da certidão de nascimento de Diran de Jesus Silva.

Quanto aos registros de seu histórico acadêmico, embora tenha sido relatado pelas fontes que Diran não chegou a frequentar a faculdade por muito tempo, fiz inicialmente o levantamento de quantas faculdades de jornalismo existiam na região. A resposta encontrada foi somente uma: a Univale, localizada na cidade de Governador Valadares.

Durante as entrevistas, as fontes relataram que Diran teria de fato iniciado sua graduação na cidade de Governador Valadares, em uma instituição privada, já que por



algumas vezes amigos e comerciantes precisaram se unir para ajudar com o custeio das mensalidades da faculdade. Entretanto, pesquisei pelo contato do curso de jornalismo da instituição e enviei um e-mail solicitando informações sobre um ex-discente da universidade: “Diran Silva de Jesus”. Após 4 dias do primeiro contato, finalmente obtive um retorno da instituição. No corpo do e-mail endereçado a mim, constava a seguinte mensagem: *“Saudações! Será uma honra ajudar você se estiver ao nosso alcance. Soubemos que o nome do rapaz não seria Diran. Talvez por esse motivo não estejamos localizando-o em nosso cadastro. Seria possível confirmar, por gentileza?”*

Assim como solicitado, confirmei o nome do estudante procurado, mas a universidade não voltou a responder. Assim sendo, perguntei mais uma vez ao Sargento Adélio, seu amigo próximo que teria ajudado com o custeio das mensalidades, em qual instituição Diran iniciou seus estudos em jornalismo, mas o mesmo não soube responder precisamente. Tudo o que ele informou é que tentaria descobrir, e se o fizesse, voltaria a entrar em contato.

Com a cópia da certidão de nascimento em mãos, contendo o nome corrigido, fiz contato mais uma vez com a secretária do curso de jornalismo da Univale, informando o equívoco quanto ao nome completo de Diran e solicitando mais uma vez que checassem as informações. Desta vez, com o sobrenome correto.

Depois de muitas tentativas sem sucesso, abri novamente o navegador do notebook e digitei na aba de pesquisa do Google "faculdades de jornalismo em Governador Valadares". Nessa busca, encontrei um site chamado "Guia da Carreira", que constava algumas das faculdades onde seria possível cursar jornalismo na cidade. Entre os resultados encontrados pela página, estavam onze instituições de ensino superior, sendo nove de ensino à distância, uma de ensino semipresencial e apenas uma de ensino presencial.

A partir do levantamento dessas instituições, tive a ideia de procurar no perfil do Facebook de Diran quais das páginas de Facebook dessas instituições que ele havia curtido, na expectativa de que alguma delas fosse a que ele possivelmente estudou. No meio da busca, encontrei a Universidade Anhanguera como uma das páginas que ele havia curtido e decidi entrar em contato com a instituição para tentar encontrar um possível vínculo dele com o curso de jornalismo oferecido por lá.

Ao retornar para a página principal do perfil de Diran, observei uma lupa no canto superior da tela na qual era possível fazer buscas aplicadas somente àquele perfil.

Foi então que decidi procurar por palavras-chave, como: “jornalismo”, “estudo” e o nome de algumas das instituições cotadas, com as quais consegui alguns resultados, mas nenhum ligado à sua carreira acadêmica. Entretanto, ao buscar pela palavra "faculdade", uma foto onde Diran posava sozinho apareceu como resultado da busca. Na imagem, não havia ninguém além dele, nem qualquer tipo de elemento que o associasse diretamente à alguma instituição ou curso. Porém, na legenda da foto Diran relatou que havia confraternizado com alguns amigos em um bar de Governador Valadares, e chegou a marcar um "amigo de faculdade" que teria encontrado por lá: Guinther Carvalho Kerr.

Ao clicar na marcação, uma nova página de um perfil foi aberta, e após alguns minutos navegando pelo perfil entre publicações, fotos e vídeos, pude observar que Guinther não só havia passado pelo curso de Jornalismo na Univale, como também estava concluindo sua segunda graduação em odontologia. A partir daí, procurei pelo nome completo dele no Instagram e imediatamente localizei seu perfil na outra rede.

Mais uma vez identifiquei em sua biografia a descrição "jornalista", o que me fez ter certeza de que realmente poderia ter conhecido Diran. Fiz contato pelo direct me identificando e explicitando o motivo do meu contato, perguntando se ele havia conhecido e estudado com Diran Silva.

No dia seguinte obtive uma resposta de Guinther. Ele confirmou que conheceu Diran Silva e que os dois estudaram juntos por um curto período de tempo no curso de Jornalismo da Univale. Naquele momento, eu encontraria as respostas que precisava sobre esse período de sua vida.

Quanto à sua infância, comecei buscando por publicações em seu Facebook onde tivessem imagens ou marcações com pessoas próximas que o conhecesse desde pequeno. No entanto, não encontrei nada muito relevante, a não ser uma única imagem dele ainda criança. Porém a imagem não possuía marcações de outras pessoas, nem quaisquer informações adicionais na legenda.

Tentei contato com a Escola Estadual João Brasileiro Passos mais uma vez, pedindo informações sobre suas possíveis professoras do ensino fundamental. Quem me ajudou nessa parte foi a antiga secretária da escola, Ana Lúcia Gomes. Ela me passou o contato de Gracita, uma das primeiras professoras no menino na escola, além do contato de Geralda Antonio, antiga servente e cantineira da instituição que teria sido muito próxima do menino.

Devido a distância, optei por fazer contato com as duas pelo Whatsapp, mas Gracita nunca chegou a receber minhas mensagens ou ligações. Acredito que ela tenha mudado o número de telefone. Já Geralda, respondeu quase que instantaneamente, e decidi que faria a entrevista por ali mesmo, priorizando a qualidade um pouco melhor que as mensagens de áudio do aplicativo poderiam proporcionar em comparação a uma chamada de vídeo.

Minha conversa com Geralda foi curta, mas muito sensível. Ela mandou apenas 5 áudios com pouco mais de 1 minuto cada, respondendo às perguntas que eu havia enviado a ela. Apesar de não possuir muitos detalhes, consegui ter uma dimensão dos desafios que Diran enfrentou na infância, vivendo em estado de extrema pobreza.

Soube depois dela, sobre um outro amigo do jovem que ele cultivou desde a infância e sabia muito sobre a vida dele. O comerciante Wilson Cota ainda reside em Frei Inocência e manteve sua amizade com Diran até o fim de sua vida. Em uma conversa em tom informal também realizada pelo Whatsapp, descobri ainda mais detalhes sobre a infância, confirmando as informações que havia recebido de Geralda, além de outras onde ele afirmava que a mãe adotiva de Diran não conseguia cuidar dele tão bem por sofria com o vício em álcool e drogas.

Wilson foi minha última fonte verbal para o fechamento das entrevistas. Depois de coletar todas as informações que eu precisava, reuni o material que havia conseguido em vídeos, áudios e matérias para que por fim, pudesse começar a produzir o roteiro do radiodocumentário.

Pelo pouco tempo disponível que tinha para conclusão do trabalho, optei por fazer a audição das entrevistas e decupar somente os trechos que considerei mais relevantes para utilizar no trabalho. No entanto, ainda contei com o auxílio de alguns amigos para fazer a transcrição do material.

### **2.3 Pós Produção**

Com os trechos das entrevistas selecionados e já decupados, além dos vídeos reunidos, comecei a escrever o roteiro do documentário. Levei cerca de 1 semana para finalizar tudo, fechando em aproximadamente 20 páginas de texto. Encaminhei para que minha orientadora pudesse ler e fazer suas considerações. Ao receber o material de volta com as alterações sugeridas, as cumpro imediatamente e parti para a etapa de gravação de toda a locução do trabalho.

Na segunda parte da pós-produção, utilizei um microfone condensador BM-800 e uma *Phantom Power 48v* como alimentação de energia. Também utilizei os *headphones* BlitzWolf, modelo HP2 para audição do material e um notebook auxiliar para conectar o microfone e captar o áudio por meio do programa de gravação e edição “Reaper”. Todos os equipamentos utilizados são de minha propriedade. No entanto, pelo fato de eu residir em uma das moradias estudantis da universidade, não possuía espaço adequado para a gravação do produto em ambiente doméstico. Sendo assim, reuni todos os equipamentos necessários para a gravação e me dirigi ao Departamento de Ciências Sociais da UFV, onde também está localizado temporariamente o Departamento de Comunicação Social. Durante 3 noites seguidas, utilizei algumas das salas vazias do departamento para montar meus equipamentos e gravar a locução, pois na ocasião, o período noturno era quando o ambiente já estava totalmente vazio e silencioso.

Com toda a parte de locução finalizada, iniciei a etapa de edição do material. Todas as sonoras que integrariam o produto já haviam sido demarcadas anteriormente no roteiro com a marcação de tempo, o que facilitou bastante na hora da execução. Para editar todo o radiodocumentário, utilizei o mesmo programa de edição, Reaper, um *software* gratuito e com ferramentas bastante completas, com o qual eu já tinha afinidade de manuseio desde que comecei a produzir peças em áudio no curso.

Para a seleção das trilhas, utilizei a biblioteca de áudio do Youtube, na qual existe uma imensa variedade de sons que podem ser filtrados por gênero, clima, duração ou nome da faixa. Foram utilizadas cerca de 12 trilhas dessa biblioteca, entre outros efeitos sonoros que procurei diretamente no Youtube por não ter encontrado pelo site inicial.

Após a edição, mais uma vez encaminhei o produto para minha orientadora para que ela pudesse fazer a audição do material e adicionar suas considerações. Com o *feedback*, realizei as alterações sugeridas e encaminhei para a audição do produto final que foi logo aprovado para envio à banca de avaliação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final da construção deste trabalho, conclui-se que a comunidade de Frei Inocêncio, assim como outras tantas que passam diariamente por situações similares, se sentem carentes de alguém que as represente e valorize suas necessidades e emergências em um contexto de disputas e relações de poder, onde as minorias sempre são deixadas em último plano. O papel

do comunicador nesses espaços é fundamental para que se estabeleça uma ponte entre a comunidade e as mídias de informação, auxiliando na propagação de temáticas relevantes para aquele grupo. Diran Silva enquanto comunicador, contribuiu para que sua comunidade tivesse suas necessidades e demandas ouvidas, levando a público tudo o que se passava na cidade, além de mobilizar a todos em prol do benefício coletivo. Sua morte significou o silenciamento e apagamento de muitas dessas pautas.

Outra observação importante, é a criação de um espaço imaginário que o formato de áudio nos proporciona por meio do radiodocumentário. A ludicidade e os recursos sonoros que nos prendem a atenção, nos faz criar imagens, contextos, personagens de acordo com a nossa própria percepção. Além disso, o rádio é um formato democrático, de fácil acesso e compreensão, mesmo àqueles que não possuem nenhum tipo de letramento ou acesso às tecnologias mais aprimoradas de informação. Mesmo tendo que se reinventar há décadas para se adequar aos avanços tecnológicos, o rádio ainda possui grande apelo popular, principalmente entre as minorias que tanto mencionamos ao decorrer do trabalho, chegando nas casas desde os grandes centros urbanos, regiões periféricas e contexto rural.

Os conhecimentos em rádio, narrativas de vida e comunicação popular adquiridos ao longo do curso puderam ser executados e vivenciados na rotina de produção do radiodocumentário. A experiência de produzir individualmente cada etapa do radiodocumentário, desde a concepção da ideia até a finalização, proporcionou um aprimoramento de técnicas, ideias e percepções a respeito do gênero, fazendo com que ao final da experiência, o crescimento não seja somente profissional, mas também pessoal e humano, ao participar ativamente de cada detalhe e poder construir uma narrativa tão nobre, sensível e verdadeira a respeito de um comunicador que tanto contribuiu para o exercício da comunicação popular, participativa e colaborativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. Brasiliense, 2017.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS - FENAJ. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/01/relatorio-fenaj-2015.pdf>>. Acesso em: 9 dez. 2022.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. Summus Editorial, 2014.

JOSÉ, Carmen Lucia; SERGL, Marcos Júlio. Paisagem sonora. In: **Anais dos XVII Congresso da Anppom**. 2007.

PERUZZO, C.M.K. Comunicação comunitária e Educação para a cidadania. *Comunicação & Informação*, [s.l.], v. 2, n. 2, p. 205 - 228, 1999. DOI: <https://doi.org/10.5216/cei.v2i2.22855>

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. **Lumina**, v. 1, n. 1, 2007.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **Comunicação e Sociedade**, v. 2, p. 651-668, 2000.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a Participação na construção da cidadania**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Comunicar para transformar. **Revista Agriculturas**, v. 13, n. 1, p. 4-6, 2016.

RIOS, Aline; BRONOSKY, Marcelo. Violência contra jornalistas, ameaça à sociedade. *Mosaico*, v. 11, n. 17, p. 86-103, 2019.

SANTOS, Gustavo Nascimento dos. **Um cinema para os ouvidos: mapeando o radiodocumentário**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS E LIBERDADE DE IMPRENSA NO BRASIL  
RELATÓRIO 2020. (n.d.). Retrieved December 12, 2022, from [https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio\\_fenaj\\_2020.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf)

**ANEXOS**

<b>ROTEIRO RADIODOCUMENTÁRIO: QUANDO UMA VOZ SE CALA</b>	<b>LOC: RENATA NUNES</b>	<b>DURAÇÃO: 31'07"</b>
--	--------------------------	------------------------

<p><b>Abertura com trilha (Vespers on the shore) - 3"CAI PRA BG</b></p> <p><b>Entra teaser dos entrevistados falando sobre Diran silva</b></p>	<p>( Adelio: 1'36" /Emerson: 4'23"/ Gilson: 1'40"/ Juju: 6'20"</p> <p>SONHADOR. PALAVRA DE 8 LETRAS QUE DE ACORDO COM O DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA PODE SER UM SUBSTANTIVO DE "PESSOA QUE ALIMENTA SEU ESPÍRITO DE SONHOS... DE FANTASIAS..." OU ADJETIVO DE "QUEM SONHA, VIVE EM DEVANEIO, É UTÓPICO... VISIONÁRIO..."</p> <p>O PERSONAGEM QUE APRESENTO A PARTIR DE AGORA FOI UM SONHADOR EM VIDA. CHEIO DE PLANOS PARA UM FUTURO QUE ELE SEQUER PÔDE VIVER. SUA VIDA FOI TIRADA ANTES MESMO QUE ELE PUDESSE SE PROFISSIONALIZAR NAQUILO QUE SEMPRE FEZ POR AMOR... O JORNALISMO.</p>
<p><b>Sobe trilha - 3"</b></p>	
<p><b>Cai pra bg</b></p>	<p>EU SOU RENATA NUNES, E ESSE É O RADIODOCUMENTÁRIO "QUANDO UMA VOZ SE CALA: A TRAJETÓRIA DE VIDA E TRABALHO DO COMUNICADOR POPULAR DIRAN SILVA".</p>
<p><b>Sobe trilha - 2"</b></p>	<p><b>(Vinheta de abertura)</b></p>
<p><b>entra vinheta</b></p>	
<p><b>Sobe trilha - 3"</b></p>	
<p><b>Cai pra bg</b></p>	<p>TUDO COMEÇA NO ANO DE 1989 NA CIDADE DE GOVERNADOR VALADARES/ QUANDO UMA MULHER DE IDENTIDADE DESCONHECIDA DÁ À LUZ A UM</p>



<p><b>Sobe trilha - 2”</b></p> <p><b>Cai pra bg”</b></p>	<p>MENINO/ NÃO SE TEM REGISTROS SOBRE NADA NAQUELE DIA./ O NOME DA MÃE/ O MÉDICO OU MÉDICA QUE REALIZOU O PARTO/ O HORÁRIO DE NASCIMENTO/ NEM MESMO O HOSPITAL EM QUE ELE VEIO AO MUNDO/ TUDO O QUE SE SABE É O QUE SUA CERTIDÃO DE NASCIMENTO CARREGA/ UM NOME DE BATISMO E SUA DATA DE NASCIMENTO.</p> <p>SUA PRIMEIRA CERTIDÃO FOI FEITA EM 29 DE NOVEMBRO DE 1989/ 12 DIAS APÓS SEU PRIMEIRO DIA DE VIDA. MAS A ATUALIZAÇÃO COM O NOME DE SUA MÃE ADOTIVA SÓ VEIO EM 5 DE ABRIL DE 1997/ QUANDO DIRAN JÁ TINHA 7 ANOS DE IDADE.</p> <p>SUA INFÂNCIA, FOI MARCADA POR DESAFIOS. A COMEÇAR PELA SUA ORIGEM HUMILDE. TANTO DE SUA MÃE BIOLÓGICA, QUANTO DE SUA FAMÍLIA ADOTIVA.</p> <p>A MÃE BIOLÓGICA NINGUÉM NUNCA SOUBE QUEM É. A ÚNICA INFORMAÇÃO É DE QUE ELA SERIA MORADORA DE RUA E NÃO TERIA CONDIÇÕES DE CUIDAR DO FILHO.</p> <p>SUA MÃE ADOTIVA, FOI A ÚNICA FIGURA MATERNA QUE ELE CONHECEU. SEU PAI, ASSIM COMO A MÃE BIOLÓGICA, TAMBÉM É UM DESCONHECIDO, E NEM UM ADOTIVO ELE TINHA. AMIGOS E VIZINHOS DIZIAM QUE A VIDA DELE FOI MUITO DIFÍCIL PELA FALTA DE UMA ESTRUTURA FAMILIAR.</p> <p>APESAR DAS DIFICULDADES, A VIDA DE DIRAN SEMPRE SE ENTRELAÇOU COM A DE OUTRAS PESSOAS QUE PARECIAM SER ESCOLHIDAS PARA ESTAR ALI QUANDO ELE MAIS PRECISAVA.</p>
--	---

<p>Sonora Geralda - 0'20" a 1'12"</p> <p>Sobe trilha</p> <p>Cai pra bg</p>	<p>A APOSENTADA GERALDA ANTONIO DOS SANTOS FOI UMA DESSAS PESSOAS.</p> <p>NA ÉPOCA EM QUE TRABALHAVA COMO AUXILIAR DE SERVIÇOS GERAIS NA ESCOLA ESTADUAL JOÃO BRASILEIRO PASSOS, GERALDA FOI QUEM POR MUITAS TEVE DE DEIXAR O TRABALHO UM POUQUINHO DE LADO PARA CUIDAR DE DIRAN.</p> <p>O MENINO MORAVA NA ZONA RURAL DE FREI INOCÊNCIO COM SUA MÃE E COSTUMAVA CHEGAR NA ESCOLA ANTES DA AULA AINDA SEM BANHO E ÀS VEZES COM FOME.</p> <p><i>“Na hora que ele chegava na sala de aula, a Gracita já tirava ele e levava lá pra mim. Porque ele chegava todo fedendo urina, todo sujo. Aí ela levava ele lá pra mim. Eu já tinha lavado a roupa dele, eu dava banho nele em um dia, levava ele lá no banheiro porque na cantina tinha banheiro, colocava ele dentro do banheiro e pedia para tomar um banho. Aí... depois que ele tomava banho a roupa dele que eu já tinha de um dia anterior, que a Gracita conseguiu arrumar um bocado de roupas para ele e deixou na escola... Aí eu mantinha essas roupas lá todas limpinhas pra ele. A toalha, sabonete... pra quando ele chegasse de manhã ele tomasse banho, pra ele entrar para a sala de aula. Ele tomava banho, tomava café, que a Gracita já levava o pão, deixava tudo lá para eu arrumar pra ele e dar a ele o café pra ele entrar pra sala de aula”.</i></p> <p>TODO ESSE CUIDADO FEZ COM QUE ELA TOMASSE UM IMENSO CARINHO PELO MENINO. DA PARTE</p>
--	---

<p>Sonora Geralda - 1'16" a 1'29"</p> <p>Sobe trilha</p> <p>Cai pra bg</p> <p>Sonora Wilson audio 3 - 0'53" a 1'52"</p>	<p>DELE ERA IGUAL. SEMPRE FOI MUITO GRATO E FAZIA QUESTÃO QUE TODO MUNDO SOUBESSE.</p> <p><i>“Eu passava vergonha quando eu me encontrava com ele em algum lugar. Que ele falava que eu era mãe dele, que eu cuidei dele e ele nunca se esqueceu disso. Ele sempre foi grato a mim por isso.”</i></p> <p>WILSON COTA, COMERCIANTE EM FREI INOCÊNCIO, CONHECEU DIRAN NESSE MESMO PERÍODO. OS DOIS COMEÇARAM A ESTUDAR JUNTOS NA QUARTA SÉRIE E SE TORNARAM GRANDES AMIGOS. VENDO QUE ÀS VEZES O MENINO CHEGAVA E IA EMBORA DA ESCOLA COM FOME, WILSON POR MUITAS VEZES LEVOU DIRAN PARA SUA CASA PARA QUE ELE PUDESSE COMER.</p> <p><i>“Eu comentei um dia “mãe, eu tenho um coleguinha lá na escola que a professora dá café para ele todo dia... posso trazer ele pra almoçar aqui em casa?”. A mãe: “Sim, meu filho, pode! Com certeza!”</i></p> <p><i>E lá na minha infância eu comecei a trazer o Diran todo dia, acabava a escola eu trazia ele pra almoçar aqui em casa. Falava “Diran, entra comigo aqui em casa, vamos assistir um desenho? Vamos sentar pra almoçar com um prato de comida, sentar na sala?”. Mas ele nunca aceitava. Ele tinha medo d as pessoas acharem que ele estava fazendo alguma coisa de errado na casa das pessoas. Pois ele pegava o prato de comida, o copo de suco, sentava debaixo do pé de pau que dava uma sombra, almoçava, entregava a</i></p>
---	--

<p><b>Sobe trilha</b></p> <p><b>Cai pra bg</b></p> <p><b>Sonora Wilson audio 3 - 0'24" a 0'50"</b></p> <p><b>Sobe trilha - 2"</b></p> <p><b>Cai pra bg</b></p> <p><b>Sonora Gilson: 1'10"</b></p>	<p><b><i>gente o prato, perguntava se era pra lavar, e ia "simbora" pra casa dele.</i></b></p> <p>APESAR DE NUNCA FICAR PARADO E SEMPRE TRABALHAR, DIRAN TINHA RECURSOS MUITO LIMITADOS E POR VÁRIAS VEZES PRECISOU CONTAR COM A AJUDA DE AMIGOS E COMERCIANTES DA CIDADE.</p> <p>WILSON LEMBRA QUE AINDA CRIANÇA, DIRAN SILVA PRECISOU ASSUMIR O CONTROLE DA SITUAÇÃO E PEDIR AJUDA PARA QUE ELE E SUA MÃE TIVESSEM O QUE COMER EM CASA, JÁ QUE O VÍCIO NÃO PERMITIA QUE ELA TOMASSE CONTA DE TUDO.</p> <p><b><i>"A maior parte do Diran como criança, ele foi criado sozinho, ele é quem cuidava da mãe adotiva, e não ela quem cuidava dele. Ele sempre brigava com ela desde criança, para que ela tomasse atitude, largasse drogas, largasse bebida... Ele sempre tinha essa preocupação. Então o Diran Silva começou a buscar, pedir nos comércios, (isso ainda criança) uma sacola de arroz, uma sacola de açúcar para levar para casa".</i></b></p> <p>O ELETRICISTA GILSON TEIXEIRA CONHECEU DIRAN AINDA CRIANÇA E FOI SEU AMIGO ATÉ O FIM DA SUA VIDA. ELE SE RECORDA DE UM EPISÓDIO MARCANTE NA VIDA DO MENINO QUE PRECISOU PEDIR PÃO EM UMA PADARIA DA CIDADE POIS NÃO TINHA O QUE COMER EM CASA.</p>
---	---

<p>Sobe trilha - 2”</p> <p>Cai pra bg</p>	<p><b><i>“O Diran, eu lembro uma vez que uma vez ele estava numa padaria, ele tinha por volta de aproximadamente um seis anos, ele pediu um pão para um senhor, eu estava trabalhando nessa padaria como eletricista. E o homem perguntou para ele, assim: você não tem pão em casa não, meu filho? E ele falou que não, que ele não tinha pai. E esse homem doou quatro anos para ele pegar o pão nessa padaria”.</i></b></p> <p>SUA BOA RELAÇÃO COM AS PESSOAS FOI FUNDAMENTAL PARA QUE ELE SEMPRE TIVESSE QUEM O AJUDASSE. A AJUDA ERA DE TODO TIPO E VINHA DE TODOS OS LADOS. VARIAVA DESDE DOAÇÃO DE PEÇAS DE ROUPAS, ALIMENTOS, ATÉ MESMO MORADIA.</p> <p>O COMERCIANTE JUSCELINO COTA, CONHECIDO EM FREI INOCÊNCIO COMO “JUJU”, FOI MAIS UMA DESSAS PESSOAS QUE AJUDOU DIRAN NOS MOMENTOS DE DIFICULDADE.</p> <p>DIRAN PRESTAVA ALGUNS SERVIÇOS DE DIVULGAÇÃO PARA O SUPERMERCADO DE JUJU, O QUE FEZ COM QUE ELES SE TORNASSEM AMIGOS. POR CAUSA DESSA RELAÇÃO DE AMIZADE, ATÉ MESMO UMA CASA ELE EMPRESTOU PARA QUE O JOVEM PUDESSE MORAR.</p>
<p>Sonora Juju - 1’25” a 1’43”</p> <p>Sobe trilha - 2”</p> <p>Cai pra bg</p>	<p><b><i>O Diran inclusive ia lá em casa. O Diran uma época ele morou numa casa minha que era uma casa da esquina, eu deixei ele morar lá. Inclusive nessa época agora, de inverno, todo mundo sabia que ele pedia, né? Pedia para doar roupa, às vezes até alimento...</i></b></p>

<p><b>Sonora Dona Jovenila - 2'44" a 3'10"</b></p> <p><b>Sobe trilha - 2"</b></p> <p><b>Cai pra bg</b></p>	<p>DIRAN TAMBÉM ERA CONHECIDO POR SER MUITO PRESTATIVO. FICAVA FELIZ EM AJUDAR AS PESSOAS, SEM ESPERAR NADA EM TROCA. SUAS MAIORES PARCERIAS E AÇÕES BENEFICENTES ERAM PARA AJUDAR A CASA DE APOIO AO IDOSO E APAE, ONDE ELE JÁ REALIZOU CAMPANHAS DE ARRECADAÇÃO DE ALIMENTOS, ROUPAS E DIVULGAÇÃO DOS EVENTOS REALIZADOS PELA INSTITUIÇÃO. A FUNDADORA DAS DUAS INSTITUIÇÕES, DONA JOVENILA BENEVIDES, LEMBRA DO RAPAZ COMO ALGUÉM QUE SEMPRE AJUDAVA O PRÓXIMO. INCLUSIVE OS DOIS SE CONHECERAM POR CAUSA DOS FAVORES QUE ELE PRESTAVA.</p> <p><b><i>“Ele chegou lá na... a gente ia fazer uma festa. E ele chegou com o outro coleguinha dele pedindo se a gente aceitava ele ajudar. Aí à tarde ele veio e ajudou a gente trabalhar até tarde, separar as... guardar as barracas. E foi assim que a gente conheceu ele”.</i></b></p> <p>AINDA NA ADOLESCÊNCIA, DIRAN PRECISOU ABANDONAR OS ESTUDOS POR CAUSA DE PROBLEMAS FAMILIARES. PORÉM ERA MUITO FOCADO E VOLTOU PARA A ESCOLA ASSIM QUE FOI POSSÍVEL, CONSEGUINDO TERMINAR O ENSINO MÉDIO POR MEIO DO PROGRAMA DO GOVERNO FEDERAL DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - O EJA.</p> <p>MEIRIJANE LEAL FOI SUA PROFESSORA DE BIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO. APESAR DE NA ÉPOCA ELE NÃO SER O MELHOR ALUNO DA TURMA, ELA RECONHECE QUE ELE ERA HABILIDOSO EM SE</p>
--	--

<p><b>Sonora Meirijane - 0'50" a 1'38"</b></p> <p><b>Sobe trilha - 2"</b></p> <p><b>Cai pra bg</b></p>	<p>COMUNICAR, TRAZENDO SEMPRE BOAS CONTRIBUIÇÕES NAS AULAS.</p> <p><i>“Durante 1 ano ele frequentou as minhas aulas, sempre colaborou com participações durante a aula trazendo muita informação daquilo que ele vivia no dia a dia dele, nas experiências de vida dele, ele sempre trazia pra dentro da sala de aula. Não era o aluno destaque, mas toda vez que ele solicitava alguma participação e que queria interagir ou falar dentro das aulas, todos ouviam com bastante atenção porque respeitavam muito aquilo que ele trazia, as informações, curiosidades...”</i></p> <p>MUITO INTELIGENTE E CURIOSO, DIRAN SEMPRE BUSCAVA APRENDER COISAS NOVAS. SE AVENTURAVA EM UM POUCO DE TUDO...</p> <p>FOI ASSIM QUE DESCOBRIU SEU AMOR PELA COMUNICAÇÃO.</p> <p>JOSÉ CARLOS DE SOUZA, MAIS CONHECIDO COMO BORROLÓ, É LOCUTOR DE EVENTOS EM FREI INOCÊNCIO E FOI UMA DAS PRIMEIRAS PESSOAS A APRESENTAR A LOCUÇÃO AO MENINO. AINDA ADOLESCENTE, DIRAN COMEÇOU A TRABALHAR COMO AJUDANTE NA PRODUÇÃO DOS EVENTOS QUE BORROLÓ PROMOVIA. DEPOIS DE ENSINAR MUITO DO QUE ELE SABIA E DAR AS PRIMEIRAS OPORTUNIDADES PARA QUE DIRAN DESENVOLVESSE SUAS HABILIDADES, BORROLÓ SAIU DA CIDADE E FOI MORAR NO EXTERIOR. FOI NESSE PERÍODO QUE DIRAN APERFEIÇOOU SEUS CONHECIMENTOS E PASSOU A FAZER PARTE DO</p>
--	--

<p><b>Sonora Borroló - 1'22" a 1'40"</b></p>	<p>TRABALHO QUE BORROLÓ FAZIA NA REGIÃO COMO LOCUTOR.</p> <p><b>“Ele passou a fazer parte assim... do meu trabalho, me auxiliando em algumas coisas. Por um período bom assim de uns 10 anos, talvez. Depois eu dei oportunidade de trabalhar na nossa turma com os eventos que nós fazíamos[...]</b></p>
<p><b>Sonora Borroló - 2'32 a 3'04"</b></p>	<p><b>Ele era muito curioso. Não vou dizer assim que eu contribuí muito pelo... Mas eu não deixei de contribuir, eu dei a minha parcela de contribuição e ele desenvolveu por si, pela inteligência e a coragem de trabalhar e desenvolver o papel na sociedade...</b></p> <p><b>Algumas vezes também eu dei a oportunidade pra ele em palco em shows de várias bandas que passaram por aqui. Eu como apresentador oficial do município dei a ele várias oportunidades e graças a Deus ele se saiu muito bem, se tornou um excelente locutor.</b></p>
<p><b>Transição cai pra bg</b></p>	<p>AS PRINCIPAIS NOTÍCIAS DO DIA NA REGIÃO SEMPRE ESTAVAM NAS SUAS REDES SOCIAIS, PRINCIPALMENTE EM SEU PERFIL DO FACEBOOK E CANAL DO YOUTUBE.</p> <p>EM 2013 DIRAN CRIOU O BLOG “OCORRÊNCIAS 190”, ONDE COMPARTILHAVA DIARIAMENTE TODOS OS ACONTECIMENTOS LOCAIS. COM UMA PEQUENA CÂMERA PORTÁTIL E UM MICROFONE DE MÃO, ELE COBRIA ACIDENTES DE TRÂNSITO, OCORRÊNCIAS CRIMINAIS, EVENTOS E OUTRAS PEQUENAS NOTÍCIAS DO DIA A DIA.</p>



<p><b>Sonora canal do Youtube</b></p> <p><b>Sonora Adilson - 1'00" a 1'26"</b></p> <p><b>Sobe trilha - 2"</b></p> <p><b>Cai pra bg</b></p>	<p><b>(Sonora com pequeno trecho de reportagem extraída do canal do youtube “Ocorrências Diran”)</b></p> <p>UM DE SEUS GRANDES AMIGOS, O SARGENTO ADILSON DIAS, SE LEMBRA DOS PRIMEIROS CONTATOS QUE DIRAN TEVE COM A PM DE FREI INOCÊNCIO, COM QUEM FUTURAMENTE TERIA UMA GRANDE RELAÇÃO DE AMIZADE E ADMIRAÇÃO:</p> <p><i>“Eu conheci ele assim, já na fase da adolescência e ele já admirava o trabalho da polícia militar, participava das nossas atividades de educação física e tudo, né? Sempre brincava com a gente. Aí despertou essa vontade que ele compactuou com a gente, que tinha essa vontade de entrar na polícia... e essas 2 coisas, aliadas, né? A profissão de jornalismo e a polícia militar. Então... essa afinidade começou, ele teve essa ideia de começar esse blog, esse blog dele nessa área aí de atuação em ocorrências policiais”.</i></p> <p>SUA MOVIMENTAÇÃO NA COBERTURA DE NOTÍCIAS PARA O BLOG, FEZ COM QUE ELE SE APROXIMASSE MUITO DA POLÍCIA MILITAR DE FREI INOCÊNCIO.</p> <p>SEMPRE APURANDO INFORMAÇÕES E ATÉ MESMO PARTICIPANDO DA ROTINA POLICIAL, ELE ACABOU SE TORNANDO UM GRANDE ALIADO DA PM, ALÉM DE UM AMIGO PRÓXIMO DA GRANDE MAIORIA DO BATALHÃO.</p> <p>O SARGENTO ITAMAR ARAÚJO, QUE PERTENCE À MESMA CORPORAÇÃO DA PM EM FREI INOCÊNCIO,</p>
--	---

<p><b>Sonora Itamar - 2'32 a 2'54"</b></p> <p><b>Sobe trilha</b></p> <p><b>Cai pra bg</b></p> <p><b>Sonora Adelio - 1'32" a 2'12"</b></p>	<p>FOI UM DOS AMIGOS QUE DIRAN CULTIVOU DENTRO E FORA DO TRABALHO. APESAR DE TEREM CONVIVIDO POR POUCO TEMPO, PARA ELE, DIRAN ERA MAIS QUE UM COMUNICADOR QUE CONTRIBUÍA COM O TRABALHO DA POLÍCIA. ERA QUASE UM MEMBRO DA EQUIPE.</p> <p><i>“Olha, o Diran, na realidade, ele para nós ele era como se fosse um policial também, né? Porque ele era muito chegado. A gente, até às vezes, peca em falar que o Diran era um amigo, porque a gente considerava o Diran como um irmão. O Diran às vezes a gente sempre teve contato com ele, até mesmo na humilde residência dele. Ele sempre que tinha alguma coisinha lá, ele chamava, nos chamava para participar.”</i></p> <p>ESSE SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO FEZ COM QUE ELE SE APAIXONASSE AINDA MAIS PELA PROFISSÃO. ALÉM DO AMOR QUE JÁ TINHA PELO JORNALISMO, DIRAN TAMBÉM ERA UM GRANDE ADMIRADOR DO TRABALHO DA POLÍCIA MILITAR. UM DE SEUS SONHOS ERA SE TORNAR UM PM. O SARGENTO ADELIO SOUZA, LEMBRA DAS VEZES EM QUE DIRAN COMENTOU QUE QUERIA SE TORNAR UM DELES.</p> <p><i>“Ele tinha um sonho de ser, de ser policial militar. Era um sonhador na verdade, né? E tinha um sonho também de ser um... Como se diz, é fazer jornalismo, tanto que ele iniciou a faculdade de jornalismo. E teve que interromper, eu acho que por motivos de condições. Apesar que ele tinha muitos amigos que</i></p>
---	---

<p><b>Transição</b></p> <p><b>cai pra bg</b></p> <p><b>Sonoras campanha do agasalho - Juju:</b>  <b>2'30"/Emerson:</b>  <b>3'30"/Gilson:</b>  <b>5'50"/Borroló: 4'27"</b></p>	<p><i><b>davam conselhos para ele, às vezes até ajudavam ele. Mas ele sempre me falava que queria ser polícia sim. E até se comportava como polícia. Algumas frases da polícia que a gente tem o vocabulário nosso... ele usava sempre."</b></i></p> <p>SERVIR À COMUNIDADE. ESSA SEMPRE FOI A SUA PRIORIDADE COMO CIDADÃO E PROFISSIONAL. APESAR DE EXERCER SUA PROFISSÃO DE MANEIRA INFORMAL, DIRAN SEMPRE FEZ DA COMUNICAÇÃO UMA FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO. ERA POR MEIO DAS SUAS REDES SOCIAIS QUE ELE PROMOVIA CAMPANHAS BENEFICENTES PELA COMUNIDADE. ENTRE AS DIVERSAS AÇÕES QUE ELE REALIZAVA DURANTE O ANO, UMA DELAS SE DESTACAVA POR SER A QUE SEMPRE MOBILIZAVA O MAIOR NÚMERO DE COLABORAÇÕES. AO PERGUNTAR ÀS MINHAS FONTES SOBRE QUAL ERA ESSA AÇÃO, A RESPOSTA FOI QUASE UMA SÓ:</p> <p>OUTRA PREOCUPAÇÃO DE DIRAN ERA O BEM ESTAR DE CRIANÇAS E JOVENS NA CIDADE, TALVEZ PELO FATO DE A SUA PRÓPRIA INFÂNCIA NÃO TER SIDO FÁCIL. ALÉM DE PARTICIPAR DE PROJETOS SOCIAIS COMO O PROGRAMA EDUCACIONAL DE RESISTÊNCIA ÀS DROGAS - PROERD, E PROMOVER CAMPANHAS DE ARRECADAÇÃO DE BRINQUEDOS E ALIMENTOS NO DIA DAS CRIANÇAS E NATAL, ELE TAMBÉM TEVE A INICIATIVA DE CRIAR O CINEMA NA PRAÇA. COM AS POUCAS OPÇÕES DE LAZER DISPONÍVEIS NA COMUNIDADE, ELE SE ARTICULOU</p>
---	---

<p><b>Sonora Gilson - 4'17"</b></p> <p><b>Sonora Adilson - 2'17"</b></p> <p><b>Sonora Itamar - 1'19"</b></p> <p><b>Sobe trilha - 2"</b></p> <p><b>Cai pra bg</b></p>	<p>COM REPRESENTANTES MUNICIPAIS E A POLÍCIA MILITAR PARA QUE PUDESSEM EXIBIR FILMES EM UM TELÃO MONTADO NA PRAÇA CENTRAL DE FREI INOCÊNCIO. GILSON, ADILSON E ITAMAR LEMBRAM QUE O PROJETO RECEBEU APOIO DAS AUTORIDADES LOCAIS E CONTAM DE ONDE VEIO A IDEIA PARA A INICIATIVA E QUAL ERA O OBJETIVO DE DIRAN COM O PROJETO.</p> <p><i>“Isso foi uma ideia que uma pessoa de Valadares incentivou ele a fazer, lembro que ele fazia na rua, teve ali na rua Guanabara, ao lado do pacotão, eu estive, muito intuitivo para as crianças”.</i></p> <p><i>“Foi exclusivamente em parceria com a polícia militar. inclusive essa parte do cinema aí foi feito se não me engano, umas 10 sessões nesse período e ele sempre dedicando, atuando e se empenhando em tudo”.</i></p> <p><i>“Ele tinha um cinema na praça, um dos projetos dele que eu conheci, ele tinha um cinema na praça e ele falava para gente que a visão dele era poder levar para ali aquelas crianças carentes e para poder ver se conseguia tirar pelo menos uma certa porcentagem delas do crime”.</i></p> <p>UM COMUNICADOR NATO, COM ESPÍRITO REVOLUCIONÁRIO E DESEJO DE TRANSFORMAÇÃO, DIRAN TAMBÉM JÁ SE AVENTUROU NA POLÍTICA DO MUNICÍPIO. POR CAUSA DA SUA POPULARIDADE E DAS VÁRIAS AÇÕES SOCIAIS QUE JÁ REALIZAVA, ELE SE CANDIDATOU A VEREADOR NO ANO DE 2012.</p>
--	--

<p><b>Sonora Gilson - 3'30"</b></p> <p><b>Sobe trilha - 2"</b></p> <p><b>Cai pra bg</b></p>	<p>GILSON, TAMBÉM LEMBRA QUE MESMO NÃO TENDO SIDO ELEITO, DIRAN NÃO SE DESANIMOU NEM PAROU COM AS AÇÕES QUE COSTUMAVA FAZER. SERVIR À COMUNIDADE CONTINUOU SENDO SUA PRIORIDADE, INDEPENDENTE DO CARGO QUE ELE OCUPAVA.</p> <p><i>“Porque ele foi candidato com nós na nossa chapa, e ele não foi eleito. Mas no outro dia ele já tava trabalhando do mesmo jeito na área social e, como se diz, era um cara que todos gostavam dele”.</i></p> <p>EM 2013, DIRAN FINALMENTE CONSEGUIU INGRESSAR NO TÃO SONHADO CURSO DE JORNALISMO. APESAR DE SUA DIFÍCIL SITUAÇÃO FINANCEIRA, SEUS AMIGOS SE JUNTARAM PARA PAGAR AS PRIMEIRAS MENSALIDADES DA FACULDADE. ADILSON FOI UM DOS ENVOLVIDOS.</p>
<p><b>Sonora Adilson - 4'51"</b></p> <p><b>Sobe trilha - 2"</b></p> <p><b>Cai pra bg</b></p>	<p><i>“Nós e um grupo de colegas, um total de 8 mais ou menos, nos propomos ajudar ele. Aí ele motivou. Ele ficou muito empolgado, motivou, mas por ironia do destino, aí não realizou esse sonho.</i></p> <p>MESMO NÃO TENDO PERMANECIDO NO CURSO POR MUITO TEMPO, DIRAN COLECIONOU ALGUNS AMIGOS NA FACULDADE.</p> <p>O JORNALISTA GUINTHER CARVALHO, UM DE SEUS COLEGAS DE TURMA EM 2013, LEMBRA QUE DIRAN</p>

<p><b>Sonora Guinther - 0'40"</b></p>	<p>JÁ DEMONSTRAVA INTERESSE E CONHECIMENTO NA ÁREA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO E POLICIAL.</p>
<p><b>Sobe trilha - 2"</b></p>	
<p><b>Cai pra bg</b></p>	<p>GUINThER CONTA QUE DIRAN SÓ CONSEGUIU CURSAR O PRIMEIRO PERÍODO DA FACULDADE E PRECISOU SE AFASTAR DO SONHO POR QUESTÕES FINANCEIRAS. INFELIZMENTE, ELE NUNCA CONSEGUIU VOLTAR.</p>
<p><b>Sonora Guinther - 0'05"</b></p>	<p><i>“Eu me lembro que ele deve ter cursado só um período com a gente. E parou exatamente por causa da questão financeira mesmo. A lembrança maior que eu tenho dele, tipo assim, por mais tempo, é porque eu encontrei ele em uma festa[...] A gente conversou. Ele perguntou do curso, ou seja, ele já não estava mais estudando com a gente...”</i></p>
<p><b>Sobe trilha - 2"</b></p>	
<p><b>Cai pra bg</b></p>	<p>UM DOS MOTIVOS DE DIRAN TER DEIXADO A FACULDADE, FOI A DESCOBERTA DE UMA FILHA. COM O TRABALHO AUTÔNOMO E SEM DINHEIRO SUFICIENTE PARA ARCAR COM TODAS AS DESPESAS DA FILHA E DA FACULDADE, OPTOU POR ABRIR MÃO DOS ESTUDOS. O COMERCIANTE EMERSON SOARES, AMIGO PRÓXIMO DE DIRAN QUE</p>

<p><b>Sonora Emerson - 7'57"</b></p>	<p>CONHECEU A MENINA, EXPLICA COMO A NOTÍCIA MUDOU A VIDA DO COMUNICADOR.</p> <p><i>“Nesse período que ele começou, ele não conseguiu manter o pagamento porque ficava caro, porque também no meio disso aí ele descobriu um filho, uma filha. Aí, a partir do momento que ele conheceu sua filha, ele focou toda a filha. Então ele largou os estudos, foi dedicar à filha [...]</i></p> <p><i>E ele, assim, dedicou todo esse tempo para a filha. Mas ele, quando ele percebeu, ele viu que ele, que não só esse essa atenção que ele estava dando para filha seria suficiente, porque aí, assim, à frente estava uma situação de pensão que ele teria que pagar, e ele trabalhando autônomo, ele não era suficiente pra morar e se alimentar e pagar essa pensão para a filha.</i></p>
<p><b>Sobe trilha - 2"</b></p> <p><b>Cai pra bg</b></p>	<p>PARA TENTAR CONTORNAR A SITUAÇÃO, DIRAN CONTOU COM A AJUDA DE SEUS AMIGOS DA PM PARA CONSEGUIR UM EMPREGO FIXO. E ELE CONSEGUIU! GILSON CONTA QUE O OBJETIVO DO JORNALISTA ERA JUNTAR DINHEIRO PARA VOLTAR A ESTUDAR NO FUTURO.</p>
<p><b>Sonora Gilson - 4'56"</b></p>	<p><i>“Ele ...começou na UNIVALE, certo!? E devido a ele ter perdido o emprego, ele ... deu baixa na matrícula, ele voltou ao serviço, arrumou um serviço na ... nesse posto de gasolina, na qual foi, tipo assim, o cara trabalhando e... como se diz, o colega dele, porque era pessoas do convívio nosso, aqui de Frei Inocência, infelizmente, ele tinha a intenção de</i></p>

Sobe trilha - 2”

Cai pra bg

***retornar a faculdade, mais o impediram dele fazer a faculdade de sonho dele”.***

O EMPREGO. O QUE DEVERIA SER MOTIVO DE ALEGRIA E COMEMORAÇÃO, LOGO SE TRANSFORMARIA NO CENÁRIO DE UMA FATALIDADE. MAL SABIA DIRAN QUE ALI TERMINARIA SUA VIDA.

NO DIA 25 DE MARÇO DE 2015, UMA SEMANA DEPOIS DE COMEÇAR A TRABALHAR EM UM POSTO DE GASOLINA NO DISTRITO DE CHONIN DE BAIXO, DIRAN SE PREPARAVA PARA IR EMBORA. SEU EXPEDIENTE SE ENCERRAVA À MEIA NOITE.

AS CÂMERAS DE SEGURANÇA DO ESTABELECIMENTO MARCAVAM 11 E 46 DA NOITE, QUANDO DIRAN ESTAVA POSICIONADO FRENTE AO CAIXA, PROVAVELMENTE SE PREPARANDO PARA FECHAR. QUANDO 3 HOMENS DE MOTO, COM OS ROSTOS COBERTOS PELOS CAPACETES, INVADIRAM O LOCAL ANUNCIANDO UM ASSALTO.

SEM REAGIR, DIRAN SE AFASTOU DO CAIXA COM AS MÃOS PARA CIMA E DEIXOU QUE OS ASSALTANTES LEVASSEM O DINHEIRO.

MAS AO QUE PARECE, ELE TERIA RECONHECIDO UM DOS LADRÕES,, QUE TAMBÉM ERA MORADOR NO MUNICÍPIO DE FREI INOCÊNCIO. AO QUESTIONAR A IDENTIDADE DO ASSALTANTE, SEM NENHUM DIREITO DE DEFESA OU FUGA, DIRAN FOI ASSASSINADO COM 3 TIROS A QUEIMA ROUPA, MORRENDO NA HORA.

A NOTÍCIA SE ESPALHOU RAPIDAMENTE POR TODA A REGIÃO. NAS REDES SOCIAIS SEUS SEGUIDORES E AMIGOS JÁ COMEÇAVAM A LAMENTAR SUA



<p><b>Sonora Emerson - 14'51"</b></p>	<p>MORTE, DEIXANDO MENSAGENS EM SEU PERFIL. O SENTIMENTO DE LUTO E REVOLTA TOMOU CONTA DE TODA A POPULAÇÃO DE FREI INOCÊNCIO, INCLUSIVE DE EMERSON, QUE FOI UM DOS PRIMEIROS AMIGOS DE DIRAN A CHEGAR NO LOCAL.</p> <p><i>“Quando eu acordei, eu liguei para mais 2 pessoas. Que são comerciantes também. Isso aí, entrei no carro e saí doido pra ir pra lá. E as pessoas foram comigo, tudo mesmo, carro. Aí quando eu cheguei no local eu avistei a situação ali a presenciei, ele, várias viaturas paradas, vários policiais parados e ali o corpo sendo recolhido pelo IML. E na hora ali, fiquei muito triste, até tive uma atitude assim de desabafo diante da polícia militar. Falei em voz alta, em bom tom, e falei, assim: ninguém vai fazer nada? Porque se eu conhecia algum trabalho social da polícia, da polícia militar, foi através desse trabalho que o Diran fazia que o diran abraçava.”</i></p>
<p><b>Sobe trilha - 2"</b></p> <p><b>Cai pra bg</b></p>	<p>QUERIDO POR TODOS QUE CONHECIAM ELE, DIRAN SEMPRE TEVE O APOIO DE SEUS AMIGOS. TANTO EM VIDA, QUANTO DEPOIS DA SUA MORTE. GILSON FOI UM DELES.</p>
<p><b>Sonora Gilson - 6'53"</b></p>	<p><i>“Por se tratar do Diran eu me coloquei à disposição. Eu que fui pro IML, que liberei o corpo dele, nos empenhamos ao máximo para fazer um funeral digno para ele. E ele ... assim, para mim foi o velório e o funeral que teve mais gente até hoje em Frei Inocência. E o Diran, a forma que ele foi morto, foi assim, eu creio que assim foi um pouco de inveja, sabe. E o Diran deixou um legado para nós assim, que</i></p>

<p><b>Sobe trilha - 2”</b></p>	<p><b><i>vale a pena acreditar que tudo que a gente tem é através do trabalho.”</i></b></p>
<p><b>Cai pra bg</b></p>	<p>OS AMIGOS DO BATALHÃO PRESTARAM UMA LINDA HOMENAGEM A DIRAN EM SUA DESPEDIDA. ADELIO RECORDA QUE ELE FOI O ÚNICO NA CIDADE A SER SEPULTADO COM HONRA MILITAR, MESMO NÃO SENDO DE FATO UM POLICIAL.</p>
<p><b>Sonora Adelio - 6’02”</b></p>	<p><b>Nós, na época, na ocasião, nós todos fardados. Fizemos o sepultamento dele, muito bonito da época, uma homenagem.</b></p>
<p><b>Sobe trilha - 2”</b></p>	
<p><b>Cai pra bg</b></p>	<p>COM A PARTIDA DE DIRAN, FREI INOCÊNCIO PERDEU MAIS QUE UM CIDADÃO DE DESTAQUE OU UM COMUNICADOR POPULAR. A CIDADE PERDEU PARTE DE SUA VOZ.</p> <p>DEPOIS DELE, NINGUÉM MAIS QUIS OU TENTOU FAZER O MESMO TRABALHO QUE ELE FAZIA COM TANTO AMOR.</p> <p>EM 25 DE MARÇO DE 2015, A VOZ DE FREI INOCÊNCIO SE CALOU.</p>
<p><b>Sonora Adelio - 4’56”</b></p>	<p><b><i>“Eu diria que faltam mais “Dirans” na cidade. Era único”.</i></b></p>
<p><b>Sonora Gilson - 9’05”</b></p>	<p><b><i>“Porque ninguém mais quis fazer e alguém que se interessava a fazer, as vezes aí teve o medo de acontecer a mesma coisa que aconteceu com ele”.</i></b></p>

<p><b>Sonora Adilson - 6'03"</b></p>	<p><i>“Depois dele, ninguém mais fez, né? E a população realmente ficou calada, silenciada, por causa desse ocorrido”.</i></p>
<p><b>Sonora Dona Vena (Jovenila) - 7'49"</b></p>	<p><i>“E bem que ninguém substituiu ele. Por que não substituiu? Porque, infelizmente, nós seres humanos temos medo de morrer. Mas o Diran não tinha. Não tinha?”</i></p>
<p><b>Sobe trilha: O mundo é um moinho - Cartola cai pra bg</b></p>	<p>ENTRE TANTAS HISTÓRIAS E FIGURAS QUE AJUDARAM A CONTAR A VIDA DE DIRAN, UMA COISA FICOU CLARA: ELE CUMPRIU SUA MISSÃO! MAIS DO QUE CONTAR CASOS E CAUSOS POR MEIO DO SEU TRABALHO, ELE TAMBÉM ESCREVEU OUTROS, ENTRELAÇADOS COM AS DAS PESSOAS COM QUEM ELE CRUZOU.</p> <p>EM CADA UMA DESSAS PESSOAS, MORA UM POUCO DA SUA TRAJETÓRIA. EM CADA UMA DESSAS PESSOAS, MORA UM POUCO DE DIRAN SILVA.</p> <p>NÃO SE MORRE PARA SEMPRE, DESDE QUE SUA LEMBRANÇA SE MANTENHA VIVA NA MEMÓRIA DOS QUE FICARAM. ENQUANTO SEU NOME FOR LEMBRADO, ELE AINDA VIVERÁ.</p>
<p><b>Sobe trilha cai pra bg FICHA TÉCNICA</b></p>	<p>ESTE RADIODOCUMENTÁRIO É UM PROJETO EXPERIMENTAL APRESENTADO COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO CURSO DE</p>

	<p>COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA.</p> <p>ROTEIRO, LOCUÇÃO E EDIÇÃO: RENATA NUNES</p> <p>ENTREVISTADOS:</p> <p>ADELIO SOUZA, ADILSON DIAS, EMERSON SOARES, GERALDA ANTONIO, GILSON TEIXEIRA, GUNTHER CARVALHO, ITAMAR ARAUJO, JOSE CARLOS DE SOUZA, JOVENILA BENEVIDES, JUSCELINO COTA, MEIRIJANE LEAL E WILSON COTA</p> <p>AGRADECIMENTOS:</p> <p>ANA LUCIA GOMES</p> <p>JOSE NILSON DE OLIVEIRA</p> <p>LUIZ TADEU DOS SANTOS</p> <p>MARCO AURELIO MOL</p> <p>MARIA FERNANDA DE OLIVEIRA RUAS</p>
--	---